

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ: FILOSOFIA AFRICANA DESDE VOZES FEMININAS

...a nossa função mais importante se dá quando abraçamos uma causa. Podemos sempre plantar uma sementinha, não importa onde estejamos. A política não deve estar desassociada do nosso dia-a-dia. (...) A luta de uma mulher ajuda a outra a crescer.

(Mãe Beata de Yemonjá In: *O livro da Saúde das Mulheres Negras*).

É com as palavras de Mãe Beata de Yemonjá, uma ancestral encantada, que abrimos o convite à leitura desse dossiê organizado e tecido por mulheres negras. Acreditamos que a luta de *cada uma* de nós é importante para *todas* nós. Assim, percorremos caminhos enraizados no coletivo, na ancestralidade, no encantamento e nos femininos que nos guiam...

O dossiê tem o intuito de divulgar *escrevivências* (conceito gerado por Conceição Evaristo) da Filosofia Africana e Afrodiáspórica com vozes femininas, a partir da constatação de que, apesar de uma progressiva consolidação, a discussão sobre Filosofia Africana e Afrodiáspórica, continua centrada em vozes masculinas, cujos temas, em sua maioria, não se engajam nos debates sobre as intersecções entre gênero, raça e classe. Nossa intenção foi realizar um xirê em torno de pesquisas/reflexões interdisciplinares que conversassem com saberes e práticas assentadas no feminino, inclusive tendo-as como referências bibliográficas. Nesse sentido, apresentamos um dossiê que abarca diversos temas/trechos do rio da filosofia africana e afrodiáspórica.

Abrimos nossos trabalhos caminhando com a professora Adenilde Petrina Bispo, que nos chama a atenção para a construção coletiva do pensamento filosófico florescido no seio de sua comunidade. No ensaio (escrito coletivamente) *A caminhada é uma construção coletiva e a Filosofia não se separa da vida*, a doutora *honoris causa* (título concedido pela UFJF em

2017) traça sua trajetória comunitária de Professora aposentada da rede municipal, militante do movimento negro, do hip hop e da busca pelos direitos comunitários por meio da democratização da comunicação por meio da Rádio Comunitária, do Slam da Perifa, dos RAPS. A Professora Doutora Adenilde, nossa *Sankofa*, traz em sua escrita/vivência comunal a potência da ancestralidade, do encantamento, da filosofia africana da sagacidade, o ensinamento de que a filosofia está em cada uma/um de nós, em nossas memórias ancestrais, nas ruas, nos becos e vielas das nossas comunidades.

Seguindo os passos da *sábia* Adenilde Petrina temos o texto *Filosofia Africana e Práxis Ancestrais Femininas: a sabedoria que “renasce” com vestes de diamante*, de Adilbênia Freire Machado, que tenciona apresentar um breve diálogo com saberes ancestrais femininos nas filosofias africanas a partir do *cosmoencantamento*, do *ser-tão* que nos habita, da *escuta sensível* e dos *femininos* que fiam nossas memórias e práxis.

Já Aline Cristina Oliveira do Carmo nos brinda com *Quilombo como um conceito em Movimento ou Quilombismo e Ubuntu: Práticas Ancestrais Africanas para repensar Práticas Pedagógicas e de Justiça*, buscando apresentar reflexões sobre a importância de compreender princípios e valores quilombistas que dialoguem com perspectivas alicerçadas no *Ubuntu*, na valorização dos saberes comunitários, e na relação com a natureza.

Escrito a quatro mãos, *Entre a fumaça e as cinzas: Estado de Maafa pela perspectiva do Mulherismo Africano e da Psicologia Africana*, de Aza Njeri e Dandara Aziza (d)escrevem um estudo sobre o Estado de Maafa a partir do Mulherismo Africano e da Psicologia Africana mediadas pelo Rap, traçando possibilidades de luta e estratégias de sobrevivência contra o racismo e o afrogenocídio.

Na tessitura de Bianca Pereira da Silva com o artigo *Desmembramento e cura em The Bluest Eye*, somos levadas a questionar: com que olho(s) deveríamos enxergar a vida? Com um olho mais azul? Partindo de um diálogo com o famoso livro de Toni Morrison e sob a companhia de Sueli Carneiro, bell hooks, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, a autora discute a importância de se pensar filosoficamente os efeitos perversos do racismo na construção e desfragmentação da subjetividade das pessoas negras.

Lorena Silva Oliveira apresenta o *comunalismo africano: o anarquismo como um modo de vida*. O texto além de contribuir com a difusão de filosofias políticas africanas, faz uma introdução à obra de Sam Mbah, que tem como principal objetivo demonstrar que: sociedades sem Estado, sem autoritarismo, sem hierarquias, sem individualismo, sem relações de

exploração, solidárias, livres, autogestionadas, com igual distribuição da produção social, acesso igual à terra, não são uma utopia anarquista, pois é um modo de viver. Um modo de viver africano cujos “precedentes” podemos encontrar, sobretudo, nas comunidades tradicionais.

Em *Estética e Filosofia da Arte Africana: uma breve abordagem sobre os padrões estéticos que conectam África e sua diáspora*, Naiara Paula Eugenio, traz uma discussão ainda rara no nosso contexto, sobre as conexões que se estabelecem entre a estética africana e a da diáspora africana a partir de dois eixos: 1) os itans (mitologias) da etnia Yorubá como fonte para um estudo da Filosofia Yorubá na abordagem afrocentrada da doutora Kariamu Welsh-Asante que conceitua os principais elementos que caracterizam a estética e a arte africana 2) obras de duas artistas brasileiras que realizam a conexão Brasil - África seguindo esse padrão estético.

Rosa Alfredo Mechico fortalece o nosso xirê desde o outro lado do Atlântico (Moçambique) com o texto *As categorias cultura, história e liberdade como vectores na evolução e legitimação da Filosofia Africana*, delineando uma discussão introdutória sobre Filosofia Africana Contemporânea. A autora salienta a importância de ter a experiência/vivência, a atitude humana, a ética, a estética, a religiosidade, a arte, a família africana, a tradição e as sabedorias locais como horizontes fundamentais para a autenticidade e legitimidade da filosofia africana.

Fechando nossos trabalhos, contamos com a tradução do texto *The White Woman's Burden: African Women in Western Feminist Discourse*, da pensadora nigeriana de origem iorubá Oyèrónké Oyèwùmí, feita por Aline Matos da Rocha. No artigo *O fardo da mulher branca: mulheres africanas no discurso ocidental feminista*, Oyèwùmí expõe o papel colonial do discurso ocidental feminista (branco) na constante produção de conhecimento sobre gênero, e sua consequente difusão e implementação (hierárquica) nas relações com mulheres de outras sociedades, como a África, Ásia e América Latina.

Nossa capa traz uma foto/imagem captada por Adilbênia Machado. Nas religiões de matrizes africanas a cabaça possui uma importância central em seus ritos. Há vários Itan's (termo iorubá para o conjunto de mitos) falando da representação da cabaça. Gostaríamos de destacar aqui a sua ligação com a fertilidade feminina, especificamente com o ventre/útero: cab(a/e)ça-ventre/útero, trazendo, assim, para o centro das discussões filosóficas os poderes espirituais e materiais de Ìyá(bá)s refletidos também na cocriação coletiva de escritas gestadas

(com)juntamente.

É com gratidão e com o desejo de que os saberes ancestrais femininos tecidos na companhia da filosofia africana e afrodiaspórica sejam fontes de inspiração e encanto, que convidamos cada uma e cada um de vocês a mergulharem nas águas desse dossiê.

*Adilbênia Freire Machado
Aline Matos da Rocha
Lorena Silva Oliveira
Sandra Haydée Petit*